



RELATÓRIO

A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, I.P. (CCDR Algarve), através da Unidade de Planeamento e Desenvolvimento Regional, promoveu, no passado dia 28 de janeiro, a 1.ª Plataforma de Inovação e Colaboração (PIC), dedicada à “Saúde, Bem-Estar e Longevidade”, uma das áreas prioritárias da [Estratégia Regional de Especialização Inteligente do Algarve \(EREI Algarve\)](#).

A iniciativa reuniu mais de 80 participantes da chamada “hélice quádrupla” do ecossistema regional — universidades, empresas, administração pública e sociedade civil.

ABERTURA

“Estas plataformas visam promover a articulação entre os diversos atores regionais, potenciando a transferência e aplicação do conhecimento e o reforço da massa crítica nestes domínios”, sublinhou o **presidente da CCDR Algarve, José Apolinário**, na sessão de abertura, acrescentando que enquanto entidade responsável pela gestão do Programa Regional ALGARVE 2030, a CCDR Algarve “procura adaptar os avisos e influenciar as políticas públicas, de forma a responder aos resultados destas parcerias”.

Destacou a importância do investimento em investigação e desenvolvimento (I&D) para a competitividade do território, referindo como objetivo regional o aumento progressivo do investimento, atualmente abaixo da média nacional. Para o presidente seria necessário fazer um esforço de toda a região para se concretizar um aumento substancial deste valor percentual, que, em 2024, se cifrava em 0,44% do PIB regional, e ultrapassar pelo menos a barreira psicológica dos 0,5%.

Isto porque, segundo José Apolinário, “o investimento em I&D é absolutamente crítico para o crescimento de um território, como também o investimento em capital humano, em tecnologias de informação, em design, ou seja, em tudo o que tenha criatividade”

No âmbito da reprogramação do Programa Regional Algarve 2030, salientou a alocação de 18 milhões de euros para a prioridade atribuída à Estratégia STEP – Tecnologias

Estratégicas para a Europa, com enfoque nas tecnologias digitais, limpas e eficientes e na biotecnologia. Neste aspeto referiu que seria brevemente publicado um aviso dirigido a projetos de transferência de conhecimento com aplicação prática da I&D.

Também na mesa de abertura, o **Vice-Reitor da Universidade do Algarve, Pedro Castelo Branco**, destacou o envolvimento da instituição na área da saúde e da longevidade, através do apoio à criação de empresas no setor da saúde, através da participação em laboratórios colaborativos e, nomeadamente, como sócio do Centro Académico de Investigação e Formação Biomédica do Algarve, o ABC, onde são vários os projetos que se têm vindo a desenvolver em torno desta temática.

No capítulo da Longevidade apresentou dados estatísticos sobre a esperança de vida em Portugal, que é superior a 82 anos, acima da média europeia. Porém, em contraposição, referiu que o nosso país detém o maior índice de dependência durante a velhice de toda a União Europeia, frisando que “somos dos que vivemos mais, mas também dos que vivemos mais com menor qualidade de vida”. Para realçar este aspeto referiu que as mulheres em Portugal tendem a viver, em média, 27 anos das suas vidas com qualidade de vida limitada.

Terminou a sua intervenção incentivando a Universidade do Algarve e os restantes parceiros presentes a desenvolver novas ideias que possam ser transformadas em ferramentas reais no combate a este e outros problemas identificados na reunião.

A complexidade do Serviço Nacional de Saúde (SNS) no Algarve foi um dos desafios destacados por **Tiago Botelho, Presidente do Conselho de Administração da Unidade Local de Saúde (ULS) do Algarve**, que integrou igualmente a mesa de abertura. A ilustrar este aspeto referiu que a ULS Algarve era uma instituição responsável por 99% da atuação do SNS na região, tendo “quase 100 portas abertas ao público”, desde Alcoutim a Sagres, e que era ainda a maior empregadora de licenciados do Algarve e uma das maiores em termos de pessoas com o grau de mestrado e de doutoramento.

Ainda assim, o responsável frisou que a organização tem sabido manter o espírito criativo e inovador, captando oportunidades de fundos europeus para adquirir tecnologia e conhecimento, equipamentos diferenciados e a renovação de instalações. A título de exemplo, referiu que, na área hospitalar, em 2025, registaram um crescimento de cerca de 16.000.000 de euros no consumo de novos fármacos, relativamente a 2024, permitindo aos profissionais de saúde acederem à diferenciação tecnológica e a novas terapêuticas.

Com este esforço de modernização, disse ter havido lugar ao desenvolvimento de diversos projetos de inovação, nomeadamente em articulação com o ABC, em áreas como a digitalização, a decisão clínica e a monitorização da saúde da população sénior.

A encerrar a sessão de abertura, **Maria de Lurdes Carvalho, diretora da Unidade de Planeamento e Desenvolvimento Regional da CCDR**, abordou a EREI Algarve 2030 como uma estratégia que procura desenvolver a inovação na região com base nos desafios sociais com maior relevância local.

No domínio da Saúde e Bem-estar, deu conta que, enquanto o foco das verbas do PO Algarve 2020 tinha sido nas infraestruturas científicas e tecnológicas, no atual Programa Regional 2030, o investimento tem sido centrado muito mais em projetos de investigação e inovação produtiva. Referiu ainda o facto de três start-ups regionais terem sido

distinguidas no Web Summit 2025 com o selo “Impact Startup”, uma distinção que “valoriza projetos com forte componente de impacto social, ambiental ou económico”, alinhados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Lurdes Carvalho fez ainda referência a vários projetos de cooperação cofinanciados pelo Interreg POCTEP e internacional, no domínio da saúde, com participação de entidades regionais, nomeadamente o NUMA, um novo modelo de cuidados para melhorar a acessibilidade e a prevenção, mediante a deteção precoce de fibrilação auricular e cardiopatias na região transfronteiriça Andaluzia–Algarve, e projetos do Horizon Europe desenvolvidos pelas empresas Sea4Us e expressTEC.

De seguida, destacou o impacto do trabalho da AICIB, agência de investigação clínica e inovação biomédica, e da Health Cluster Portugal, nos domínios de I&I na área da saúde, terminando a sua apresentação comentando as várias ações que poderiam impulsionar o ecossistema regional da saúde, bem-estar e longevidade da região.

PARTE I

Comunicação

"ECOSSISTEMA DE INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO EM SAÚDE NO ALGARVE"

Raquel Andrade, Presidente do Conselho Pedagógico da Faculdade de Medicina e Ciências Biomédicas da UALG

A professora começou por referir que a faculdade era recente, criada apenas há 5 anos, sucedendo ao Departamento de Ciências Biomédicas e Medicina, e de pequena dimensão, com cerca de 40 professores de carreira e 700 estudantes nos diversos ciclos de estudo, da licenciatura a doutoramento.

Em relação à sua oferta formativa, disse estar estruturada em três áreas – Medicina, Ciências Biomédicas e Oncobiologia - tendo salientado o programa de investigação internacional em cancro, em colaboração com a Fundação Champalimaud, e o mestrado integrado em medicina, que referiu ter o aspeto inovador de ser exclusivamente dirigido a pessoas já com uma graduação prévia e ter um método de ensino baseado na aprendizagem baseada em problemas.

Enfatezou depois a criação do Centro de Simulação Clínica, muito relevante para a formação pós-graduada dos profissionais de saúde, que já não necessitavam de se deslocar para fora da região, permitindo-lhes “aprender com o erro em ambiente seguro”, através do conjunto de simuladores e robôs em tamanho real.

No capítulo do desenvolvimento do ensino e investigação clínica, Raquel Andrade destacou o papel das parcerias entre a academia e os prestadores de cuidados de saúde, como a ULS Algarve, os Lusíadas e o grupo HPA Saúde, dado que é nestas entidades que se encontram os pacientes e que o investigador deve ter parcerias com médicos e vice-versa.

Falando ainda de investigação, referiu-se ao novo parceiro, o Algarve Biomedical Center Research Institute (ABC-RI), o único centro de I&D em biomedicina a sul do Tejo e que disse ter sido reconhecido recentemente pelo FCT com a avaliação de Muito Bom. Salientou que o ABC-RI tem com principal mote “a saúde ao longo da vida”, com enfoque

no envelhecimento ativo e com qualidade de vida, e que os 35 investigadores integrados têm como áreas principais de I&D o estudo do cérebro, a prevenção do cancro (novas terapias) e as malformações congénitas e doenças raras.

Num dos slides da sua apresentação ilustrou o crescimento do ecossistema de investigação e inovação na região com um conjunto de entidades e colaboradores, direta ou indiretamente associados à faculdade, como o ABC, centro clínico académico que faz a ponte fundamental entre a academia, a investigação e a unidade local de saúde, e o ABC Colab, que, a partir do conhecimento gerado na investigação fundamental do ABC Research Institute, procura encontrar soluções inovadoras para colocar no mercado ao serviço dos cidadãos. Fez referência ainda a um conjunto de empresas tecnológicas de sucesso que têm sido criadas a partir do ecossistema, como a expressTEC e a Sea4Us.

Finalmente, chamou a atenção para as oportunidades estratégicas no desenvolvimento do setor na região, tendo aqui destacado o futuro Hospital Central do Algarve e o plano de criação dum campus da saúde, que permitiria a expansão das infraestruturas para investigação biomédica e clínica. Por outro lado, frisou ser necessário aumentar a transferência de conhecimento e o valor da investigação para a sociedade, para os utilizadores finais, e neste propósito disse contar com o reforço de atividade das entidades de interface presentes na região.

O seu último enfoque foi na atratividade e captação dos melhores profissionais, nomeadamente de pessoas altamente qualificadas que estavam no estrangeiro, e no objetivo comum de melhoria dos cuidados de saúde à população e de promoção da qualidade de vida.

Mesa Redonda

NOVOS FÁRMACOS, COSMÉTICOS E DISPOSITIVOS MÉDICOS

Joaquim Nascimento, em representação da **Algarve Evolution**, disse ter aceitado o convite para moderar o painel porque, por um lado, a inovação e a tecnologia fazem parte da essência da associação e, por outro, no processo de descoberta empreendedora existem muitas ligações entre a tecnologia e a saúde. Neste sentido, acabou por confidenciar que gostaria de vir a organizar uma sessão de promoção da convergência e colaboração entre aquelas duas áreas, onde referiu existirem muitas oportunidades de inovação.

Em termos pessoais, disse ter orgulho em estar na sessão porque, quando se licenciou em economia, há 25 anos, iniciou o seu percurso profissional na área da saúde, numa empresa então desconhecida, mas que atualmente tem notoriedade, a AstraZeneca, onde esteve 6 anos. Depois, nos últimos 15 anos trabalhou para uma empresa de consultoria Internacional em Londres, onde era partner na área de saúde e com a sua equipa procedia ao lançamento comercial e de marketing de grandes fármacos em todo o mundo.

O moderador explicou então a estrutura proposta para o painel, com a organização da sessão em três momentos. Primeiro, iria pedir a cada um dos participantes que se apresentasse, pessoalmente e à sua entidade. Num segundo momento iria perguntar, na área de cada um, qual o estado da inovação e quais os principais obstáculos que

encontravam ao seu desenvolvimento. Finalmente disse que iria se focar em oportunidades.

A primeira participante a apresentar-se foi **Ana Grenha**, que referiu ser docente na **Faculdade de Ciência e Tecnologia** da Universidade do Algarve, especificamente no curso de ciências farmacêuticas, e também investigadora no CCMar, onde tem atividade de I&D na tecnologia farmacêutica, quase exclusivamente no desenvolvimento de medicamentos, em particular na área respiratória. Na sua apresentação, referiu ainda que, quando chegou ao ecossistema da UAlg, não havendo praticamente investigação na área da saúde, aplicou o conhecimento que detinha noutras áreas, como a aquacultura, os nutracêuticos e os alimentos funcionais.

Prosseguiu com a descrição da sua atividade no laboratório, onde disse estar basicamente na fase de investigação fundamental, onde surgem ideias, compostos e materiais novos, pretendendo que estes cheguem um dia a ser medicamento ou pelo menos explorar o potencial que têm para esse efeito. Referiu que tem alguns processos em validação, com patentes e eventual interesse da indústria, mas que estão muito longe da transferência de tecnologia para o mercado, com exceção da área dos nutracêuticos, onde têm vindo a ser desenvolvidos alguns produtos que já têm mais capacidade para essa última fase.

Entretanto, a investigadora, referindo-se aos principais bloqueios e limitações da inovação, mencionou o dinheiro, ou seja, a falta de financiamento, preferindo não se focar noutro problema, que disse ser a sobrecarga de horas de aulas do sistema educativo em Portugal, que não permite a disponibilidade adequada para a investigação. Salientou que a investigação na área dos medicamentos é muitíssimo cara e que a forma de aceder ao financiamento a nível nacional é muito restrita, apenas existindo o canal público e institucional, sendo bastante difícil captar o interesse do privado para financiar esse tipo de investigação. Por outro lado, disse que o recurso aos financiamentos europeus é mais difícil e exigente em termos de tempo para o networking.

Em segundo lugar, referiu a limitação do acesso à parte clínica, não só aos médicos e farmacêuticos, mas o acesso à investigação em ambiente hospitalar, para se proceder à transferência da tecnologia e chegar ao mercado. Lamentou-se que este contacto é difícil, que é o sistema que não permite que os profissionais da área hospitalar tenham tempo para se dedicar também à investigação.

Por fim reteve uma ideia já consolidada, que a academia é um motor de inovação e que há que lhe dar as ferramentas para que os investigadores possam levar todo o conhecimento adquirido à sociedade, e, neste propósito, toda a interligação entre entidades é absolutamente necessária.

Outro dos participantes na mesa-redonda, **Pedro Lima, CEO da Sea4Us**, apresentou-se como investigador, neurocientista e biólogo marinho, que juntou estas duas áreas de conhecimento na sua empresa. Informou que a Sea4us é uma empresa que desenvolve fármacos da área da neurologia, com especial foco para a dor crónica, estando agora em fase de testes clínicos.

No ponto de situação preferiu olhar para Portugal como um todo, referindo que a maioria do que se está a passar na área dos fármacos é considerado investigação, pois, de acordo

com a definição oficial, que não subscreve, o desenvolvimento do produto apenas acontece na fase dos ensaios clínicos.

Nos constrangimentos concorda que o acesso ao investimento é crucial, mas dividiu este aspeto em duas nuances, o investimento do incentivo e o investimento que pode levar a inovação até ao mercado, o que, genericamente, em Portugal, é vender a uma grande farmacêutica e não colocar o medicamento na montra da farmácia.

Na altura, o moderador perguntou a Pedro Lima quanto tempo e quanto dinheiro seria preciso para que um medicamento chegasse ao mercado, ao que o empresário adiantou o número redondo de um bilião de euros e um espaço temporal de 15 anos. Neste aspeto foi feita comparação com a verba investida em investigação e desenvolvimento pelo hospital, na ordem dos 600.000 EUR por ano. Foi ainda referido que, numa empresa como a Sea4Us, para se vender o produto a uma farmacêutica deve chegar-se a um grau de maturidade de prova de conceito em humanos, sendo necessários 10 a 15 milhões de euros, que são sobretudo as “partes finais”, com recurso a serviços externos, como por exemplo de entidades internacionais certificadas, geralmente não comparticipados por programas de incentivos, mas por investimento de risco.

Mais tarde, o empresário voltou à questão do investimento, que considera necessário atrair para as universidades e institutos I&D, onde se gera o conhecimento através dos grupos de investigação. Contudo, para se concretizar a transferência, referiu ter de haver um ecossistema bem montado, em que se prioriza a criação de empresas, pelo poder de atração de outro tipo de investimentos, e cuja constituição é geralmente impulsionada pelo gabinete de transferência de tecnologia da universidade.

O problema, para Pedro Lima, é que na “*Cap Table*” das startups, a tabela onde se descreve a estrutura de participação acionista, são colocados parceiros financeiros que tornam o empreendimento insustentável, que não têm capacidade para cobrir, por exemplo, os custos da patente e que, assim, dificultam ou impossibilitam o interesse de investidores privados.

Na sua mensagem final, o empresário apelou ao “desapego” de todos os players do processo de desenvolvimento e transferência de tecnologia na área dos fármacos. Em primeiro lugar, “desapego” do promotor, que disse não dever ambicionar a ter 80 ou 100% das quotas de algo que não chegará a nada, em lugar de ficar com uma percentagem menor de um empreendimento de maior valia. O “desapego” também deve ser da universidade que albergou esse investigador, que se deve “desapegar” mais dessa propriedade intelectual, porque senão não vai atrair investimento privado para uma empresa que tem a universidade com uma participação por exemplo de 30% e que é capital que irá estar parado, porque, regra geral, não vai investir mais. Finalmente, Pedro Lima também considera que deve haver “desapego” do investidor privado, dos tais fundos de investimento que têm capital para sustentar determinadas fases de desenvolvimento, porque, na sua maioria, têm um comportamento “canibalizante” do projeto de inovação, não o deixando crescer.

Seguiu-se **Hugo Pereira, coordenador do GreenCoLab**, um laboratório colaborativo relacionado com o desenvolvimento do setor das algas, que agrega 12 entidades, 7 empresas e 5 parceiros académicos, e que basicamente cobre toda a cadeia de valor, desde a produção das algas ao seu processamento em ingredientes, usando o conceito

de biorrefinaria até à prototipagem para diferentes aplicações, entre as quais a cosmética e a nutracêutica.

No capítulo dos obstáculos disse não considerar o financiamento do setor como o grande problema, pois referiu haver um interesse muito grande de empresas nessas biomassas e o GreenCoLab tem conseguido verbas substanciais para a inovação através do Horizonte Europa, onde o setor das algas se consegue encaixar em vários pilares.

Para o orador, a grande dificuldade é a legislação, no sentido de que as leis são muito antigas, dando o exemplo de as algas serem consideradas aquacultura, porque são produzidas em meio aquoso, e assim não conseguem fazer a instalação de unidades em terreno agrícola, o que seria essencial para serem mais competitivos. Frisou que este problema não era estritamente português, mas sim europeu, tendo havido alguns países, como a França, que o conseguiram resolver.

Depois referiu outro obstáculo, que é a competição com mercados como a China ou a Índia, que disse terem grandes produções de algas. Neste aspeto defendeu que se tem de criar estratégias para manter a competitividade no espaço europeu, nomeadamente para não permitir a cópia de inovações provenientes da Europa e, em particular, do Algarve.

Hugo Pereira realçou a existência dum ecossistema já criado na região na parte da biotecnologia de algas, com a Universidade do Algarve, a Necton, a Pesca Algarve, produtores, etc, onde a GreenCoLab tentar agregar todo o conhecimento. A acrescentar a esta vantagem referiu uma outra, as condições climáticas do Algarve, dado que todos os grandes produtores de algas estão no sul da Europa e Portugal, Espanha e Itália, onde a produtividade é muito superior.

No entanto, para o coordenador do laboratório, a grande oportunidade no setor das algas e que poderia diferenciar a região, seria a instalação de uma biorrefinaria comercial no Algarve, que seria a primeira em Portugal especializada na matéria das algas, mas que também poderia abordar outras matérias-primas. Continuando no seu raciocínio, uma infraestrutura deste tipo permitiria ter uma biomassa de algas e extrair os compostos para fazer múltiplos ingredientes, ou seja, conseguir valorizar ao máximo os compostos que existem dentro das algas. Informou que já existe um piloto na Universidade do Algarve, que irá crescer nas instalações da CCDR, no Patação, mas que o equipamento referido seria efetivamente uma grande oportunidade, dado que utilizaria processos novos e diferenciados.

Na sua última intervenção, Hugo Pereira salientou que a produção de algas é uma realidade na região, que se conseguia produzir algas a uma escala muito grande, tendo-se evoluído muito desde que, em 2008, a Necton produzia 10 kg e era um desafio para se vender, até ao tempo presente, em que há capacidades nominais de 100 a 200 toneladas por ano. Referiu ainda que se conseguia produzir os ingredientes e separá-los e fazer tudo isto em escala, pelo que a indústria pode ser mais competitiva e ter futuro na Europa, desde que se consiga alterar e adaptar a legislação.

Na sua vez, **Daniel Cartucho** apresentou-se como cirurgião hospitalar, tendo ainda a direção do **laboratório de cirurgia experimental do ABC**, função pela qual teria sido convidado para o painel. Neste aspeto, referiu que o Algarve dispõe de uma sala com dispositivos inovadores de treino do ato operatório, da técnica laparoscópica, em que a

exaustividade do gesto permite verificar a curva de aprendizagem do profissional. Assim sendo, disse haver evidências, na autoavaliação, de que se consegue progredir e atingir um desempenho em 3 anos no que, antigamente, se obtinha num ciclo formativo de 6 anos.

Salientou a importância dos financiamentos para as linhas de investigação, não só na componente da cirurgia por laparoscopia, mas também, cada vez mais, no uso da inteligência artificial.

No âmbito dos dispositivos que permitem uma formação e uma qualificação, o orador referiu que existem oportunidades na criação de parcerias estruturais com o estrangeiro, especialmente a nível transfronteiriço, mas igualmente a nível nacional, dado que há planos para tornar o Algarve mais atrativo em termos de formação em cirurgia por laparoscopia.

Segundo Daniel Cartucho, os internos de cirurgia que escolhem o Algarve para fazer a sua formação não são os “melhores do país” e será preciso inverter esta situação, apostando na atratividade, não só pela qualidade dos equipamentos e da formação, mas também assegurando incentivos pelas próprias estruturas locais para a formação e qualificação. Disse, por fim, que, na prática, esta estratégia já está a ser executada, patente em cursos que têm vindo a ser promovidos na região pela Sociedade Portuguesa de Cirurgia e outros cursos de aprendizagem, que têm obtido grande aceitação. Neste rol também incluiu algumas ações levadas a cabo anualmente pelo centro de cirurgia experimental, em linhas de investigação que decorrem no âmbito do curso de medicina ou do próprio centro.

Espaço de Descoberta Empreendedora

Contributos dos participantes com projetos e desafios para ações colaborativas a explorar no âmbito da Plataforma

Carla Viegas, investigadora da **CCMar** e fundadora, em 2009, duma spinoff da UAlg denominada GenoGla Diagnostics, que não chegou a singrar em termos empresariais, veio retomar o desafio da criação da empresa, que era produzir uma Plataforma Regional de Validação Clínica de Biomarcadores de Calcificação Vasculare para Estratificação do Risco Cardiovascular.

Segundo a investigadora, desde 2009 têm colaborado com o Hospital de Faro, atual ULS Algarve, tendo já demonstrado científica e inclusive de investigação clínica, que um biomarcador, no caso uma proteína, a Gla-rich protein (GRP), pode ser estabelecido como novo biomarcador de risco cardiovascular através da calcificação vascular.

Para conseguir avançar, Carla Viegas disse necessitar de financiamento e de maior abertura na junção da parte clínica à parte da investigação, para terem mais acesso a amostras. No fundo, a plataforma seria concebida para integrar dados de GRP com marcadores clínicos e laboratoriais já utilizados na prática clínica, bem como com informação clínica relevante dos doentes, permitindo uma abordagem integrada de estratificação de risco.

Nuno Jorge, médico dentista e diretor clínico da **Riafaro**, para além de docente no curso de pós-graduação em medicina dentária digital da CESPU, um instituto universitário

sediado no norte de Portugal, começou por informar que, em 2024, organizou um primeiro congresso exclusivamente dedicado à inteligência artificial no campo da medicina dentária, no grande auditório da Universidade do Algarve, com o patrocínio da Faculdade de Medicina e Ciências Biomédicas, tendo obtido um sucesso inesperado.

Em maio de 2026 será realizada, em Paredes, a segunda edição do evento, do qual é presidente da comissão organizadora, com crescente consolidação nacional e internacional, beneficiando para isso numa possível acreditação junto da ordem dos médicos dentistas.

O desafio proposto à assembleia e à CCDR em particular, foi de voltar a organizar o congresso na região em 2028, dado que, na sua opinião, tem todas as condições de se posicionar como um evento âncora da EREI, dado que alia a tecnologia à saúde, nomeadamente no papel que a inteligência artificial já tem e terá cada vez mais nos campos do diagnóstico e da cirurgia.

Susana Matias, da **Dreamnest**, propôs a temática “Inovar a inovação em Saúde - do discurso à prática”, começando por referir que, na sua opinião, o Algarve não tem falta de talento, existindo médicos extraordinários, empresas com grandes ideias e investigadores de topo. Porém, continuou, o problema residia no facto de cada um estar a “correr na sua própria pista, por sua própria conta”, resultando em inovação que está a acontecer, mas que “ninguém a vê, ninguém sabe, ninguém aprende com ela e ninguém a replica”.

Por isso, disse que seria necessário mudar a forma como as entidades trabalham em conjunto, sendo a sua proposta concreta começar a partir de microprojectos. Num exemplo simples, de um problema real, como as quedas nos idosos ou a dor crónica, defendeu que “innovar a inovação” é pegar no problema e juntar um conjunto de pessoas e entidades à volta do mesmo – as pessoas diretamente atingidas, o enfermeiro, o aluno da universidade que precisa de fazer uma tese, a empresa local que até tem uma solução simples para a monitorização, o município ou junta de freguesia que conhece os recursos e as necessidades e, por último, as associações, os lares quem estão presentes no terreno e que trabalham com estas pessoas todos os dias.

A ideia de Susana Matias é com este grupo, num determinado território, criar-se um piloto real, com determinado prazo de implementação, para se testar uma determinada solução, que, se falhar, fica barato, e se funcionar, pode-se escalar para uma dimensão superior.

Teresa Gomes, interna de fisioterapia da unidade de Faro da **ULS Algarve**, apresentou o projeto de reabilitação cardíaca em desenvolvimento naquela unidade, em representação da equipa coordenada pelo Dr. Pinheiro. Começou por afirmar que a reabilitação cardíaca funciona com um modelo de uma equipa multidisciplinar, composta por um médico cardiologista, um médico fisiatra, um enfermeiro com experiência na área de cardiologia, um técnico de cardiopneumologia, fisioterapeutas e apoio de outros profissionais, nomeadamente nas áreas de nutrição, psicologia, serviço social, entre outros,

Informou a assistência que a reabilitação cardíaca é um programa composto por 3 fases: a fase 1, no internamento agudo da cardiologia, a fase 2, após a alta do doente e com duração de 3 meses, em que o doente vai iniciar o exercício físico de forma mais intensa e sempre com a monitorização a nível hospitalar e a fase 3, em que o doente passa para a

comunidade e o objetivo será manter os bons hábitos que adquiriu e praticá-los de forma mais autónoma.

Especificamente na fase 2, referiu que têm três modelos em funcionamento: o modelo centre-based, no qual são incluídos os doentes de alto risco, cumprindo os 3 meses do programa no hospital; o modelo híbrido, em que os doentes fazem um mês no hospital e 2 meses em casa, em regime de tele reabilitação; e o modelo home-based, em que são incluídos doentes de baixo risco e que fazem apenas uma sessão a nível hospitalar, cumprindo depois o programa no domicílio, em regime de tele reabilitação.

É na tele reabilitação que entra a componente tecnológica, pois os doentes utilizam plataformas de monitorização remota que permite à equipa controlar a frequência cardíaca nas sessões de exercício físico, garantindo a segurança. Teresa Gomes passou então a enumerar as vantagens deste sistema: a redução de custos, a possibilidade de incluir mais doentes no programa, bem como doentes que residem longe do hospital.

Finalizou a sua intervenção, referindo que o Dr. Pinheiro se encontra a realizar uma investigação, no âmbito do doutoramento, com os doentes do programa híbrido da fase 2, em que o objetivo será provar a não inferioridade destes modelos com o uso de tecnologia, em que o doente faz tele reabilitação, versus os programas totalmente presenciais. Numa última nota referiu que se encontravam a organizar a fase 3 do programa, a nível da inserção na comunidade, no qual necessitam de parceiros externos, como ginásios, pavilhões municipais, as autarquias, os centros de saúde, entre outros.

PARTE II

Comunicação

"INOVAÇÃO BIOMÉDICA, TECNOLOGIA E MEDICINA DE PRECISÃO: O PAPEL DO ABC NA ESTRATÉGIA REGIONAL PARA UM ENVELHECIMENTO ATIVO E SAUDÁVEL"

Marta Botelho, Investigadora e Gestora de projetos na AD-ABC Algarve Biomedical Center

A investigadora do centro académico clínico ABC começou por referir o papel fundamental da entidade na ligação entre a investigação, seja ela mais clínica, translacional ou fundamental, com a prestação de cuidados de saúde na região, e no impacto social que é suposto ser gerado junto da população, em termos de melhoria dos indicadores de saúde. Recordou que a génese do ABC vem da conexão entre o centro hospitalar universitário do Algarve, atual ULS, onde se encontra a massa crítica de prestadores de cuidados de saúde, e a Universidade do Algarve/Faculdade de Medicina, onde se encontra o conhecimento científico, com um veículo condutor das duas instituições, que é o centro de Investigação ABC-RI.

Revelou depois a captação de mais de 11 milhões e 800 mil euros de financiamento, nacional e internacional, com a execução de 27 projetos de I&D&I, que não só geraram 229 publicações científicas, mas também um conjunto de unidades altamente estruturadas, em parceria com uma série de outras instituições da região. Neste contexto, Marta Botelho apresentou as quatro unidades do ABC:

- a Imaging Lab - Laboratório de Imagiologia Médica, que cobre necessidades de diagnóstico e cuidados de saúde para a população com os equipamentos inovadores, inclusive com recurso a IA, e promove a investigação clínica;
- o Laboratório de Genética Médica, a estrutura mais antiga, que se dedica ao diagnóstico genético com ênfase na medicina personalizada, nomeadamente nas recomendações terapêuticas individualizadas;
- o Laboratório de Palmilhas, uma unidade que se tem dedicado ao estudo, prevenção e tratamento das doenças dos pés e da repercussão que tem a nível do corpo humano;
- o Centro de Simulação e Formação Cirúrgica, com um trabalho robusto no ensino e na capacidade de inovação dos profissionais na prática clínica, sobretudo nas áreas médico-cirúrgicas e de cuidados intensivos, com uso de técnicas inovadoras de simulação avançada e da cirurgia experimental.

Depois de apresentar números demonstrativos do impacto da atividade das unidades na região (ver slide), a gestora do ABC deu a conhecer três projetos representativos da sua estratégia regional.

Começou por referir o programa comunitário de exercício físico na doença crónica, que disse ser um projeto em que as pessoas são envolvidas no processo metodológico e que tem como principal objetivo, do ponto de vista comunitário, conseguir-se mudar os estilos de vida sedentários e perceber qual é o efeito do exercício na multimorbilidade. Disse tratar-se de um ensaio clínico não farmacológico que se encontra enquadrado nas metas da Organização Mundial de Saúde (OMS) de reduzir a inatividade física em 15% até 2030.

Depois destacou dois projetos na área da medicina de precisão, o NUPLEX, que tem como objetivo criar e desenvolver uma solução inovadora de biópsia líquida, direcionada para o diagnóstico precoce do cancro e onde é utilizada a inteligência artificial, e o projeto ABA, que tem como objetivo a análise de biomarcadores imagiológicos no envelhecimento cerebral e de patologias neurodegenerativas, com ferramentas de *machine learning*.

Na reflexão sobre as áreas em que o ABC, enquanto centro académico clínico, deveria se envolver mais ativamente, Marta Botelho socorreu-se de números estatísticos, que posicionavam Portugal como o país da Europa com maior índice de envelhecimento, a par da Itália, e o quarto a nível mundial, e o reduzido número de anos de vida saudável na idade sénior, referido na intervenção do vice-reitor. Assim, a investigadora considerou que, ao estarmos situados na “linha da frente” destas problemáticas, não deveríamos esperar por novos modelos que permitiriam, em parte, retardar ou inverter esta tendência, mas sim sermos capazes de criar esses modelos.

Assim, para a oradora, o papel do ABC no futuro do ecossistema deveria ser reforçado em torno de dois grandes desafios. Por um lado, intervir mais na área dos cuidados de saúde primários, porque é onde se atua ao nível da prevenção e se acompanha o doente ao longo da vida, nomeadamente com um envolvimento ativo na formação dos profissionais desta rede e na execução de investigação clínica ou aplicada. A este propósito lamentou que nesta área de saúde, em Portugal, não se estivesse a implementar em pleno a estratégia ICOPE, validada pela OMS e direcionada para os cuidados integrados para as pessoas idosas, modelo a que o ABC se poderia dedicar.

O segundo grande desafio, para Marta Botelho, seria um maior envolvimento do ABC nos cuidados de saúde especializados e hospitalares, sobretudo na recuperação clínica e naquilo que é designado como “síndrome pós-hospitalização”, pois tem existido uma alta taxa de prevalência de readmissão hospitalar do idoso, acompanhada de uma elevada taxa de morbilidade e de mortalidade. Assinalou que seria necessário que o ABC tivesse mais intervenção no inter-relacionamento entre a investigação e a clínica.

Em relação aos novos projetos, para o novo quadro comunitário, advogou a necessidade de mudança de paradigma nos serviços de saúde, passando de um modelo hierarquizado, onde o doente é apenas um recetor passivo dos cuidados de saúde, para um modelo de co-criação de soluções. Neste novo paradigma deve haver interligação entre todos os intervenientes, desde os profissionais de saúde aos doentes ou idosos, estes últimos no centro da atenção do processo, para que se identifiquem como público-alvo das soluções, mas também entidades do campo social, da indústria, os municípios, as associações dos doentes, etc.

Como mensagem final, Marta Botelho referiu ser essencial não deixar cair o Algarve enquanto centro de referência europeu de 4 estrelas para o envelhecimento ativo e saudável – o A3 Algarve Active Ageing.

Mesa Redonda

TECNOLOGIAS DE SAÚDE E ENVELHECIMENTO ATIVO E SAUDÁVEL

O moderador, **Aquiles Marreiros**, vogal do **Programa Regional ALGARVE 2030**, começou por realçar o caminho rápido e transformador que o domínio da saúde tem registado no Algarve, que considerou ser uma aposta ganha desde que foi inscrito, em 2013, como um domínio de especialização inteligente da região, no seguimento do lançamento do curso de medicina, o qual foi visto como uma alavanca para estimular e gerar conhecimento, capacitação de profissionais e empreendedorismo inovador.

Numa segunda nota, voltou à questão do *reference site* europeu para o envelhecimento ativo e saudável, frisando que, desde o reconhecimento de 4 estrelas, em 2022, o projeto tem estado “adormecido” em termos de animação de atividades e de “prova de vida” das cerca de 80 entidades que formalizaram a candidatura.

Pronunciando-se sobre a organização da mesa-redonda, disse que iria promover duas rondas de questões aos convidados. A primeira seria relativa à atividade de cada um, na dupla dimensão de investigação e transferência de conhecimento para o mercado, seguido dos constrangimentos no desenvolvimento do respetivo setor. Na segunda ronda, o moderador referiu que iria concentrar-se nas oportunidades e desafios, do ponto de vista tecnológico e de inovação.

A primeira participante no debate foi **Iola Fernandes**, do **Centro de Alzheimer e Demências de Castro Marim**, um projeto promovido pela Santa Casa da Misericórdia daquela localidade e que trabalha, desde 2023, exclusivamente com pessoas com todos os tipos de demência e de todas as faixas etárias, tendo uma capacidade de internamento para 70 pessoas e um centro de dia para 20 utentes.

Acrescentou que uma característica diferenciadora do centro é não se dedicar exclusivamente aos cuidados especializados aos utentes, constituindo esta atividade

uma forma de atingir outros objetivos, como os de analisar e avaliar as melhores práticas na área do apoio à demência, nomeadamente através do relacionamento com centros de investigação, beneficiando de “estar no terreno e dispor da matéria-prima de estudo”.

Relativamente aos constrangimentos focou o habitual problema de financiamento do terceiro setor, que se reproduz nas dificuldades de conseguir mão de obra qualificada e de modernizar instalações. A responsável frisou que, com a pressão financeira do dia a dia, falta tempo para aquilo que realmente interessa, que é poder repensar o cuidado e fazê-lo de uma forma cada vez mais eficiente, com recurso à inovação.

Na ocasião, o moderador quis evidenciar o carácter diferenciador da entidade ao referir que tinha recebido uma menção honrosa, em dezembro passado, na primeira edição do prémio dos Fundos Europeus tendo, nesse contexto, pedido à oradora para se referir às oportunidades e desafios do setor, nomeadamente na utilização da tecnologia aplicada no tipo de respostas que oferecem. Neste aspeto, lola Fernandes informou que se encontram a formalizar protocolos com o ABC, designadamente para terem acesso à neuroimagem, no âmbito do projeto ABA - *Algarve Brain Aging Imaging Study*, que poderá permitir fazer um trabalho individualizado e um plano terapêutico ajustado a cada doente, evitando o envio dos mesmos para Lisboa.

Por outro lado, face aos números apresentados sobre a doença em Portugal, revelando que existem cerca de 182.000 doentes com demência e que cerca de 40% da população das ERPIs tradicionais tem esta enfermidade, lamentou o parco desenvolvimento do plano nacional para as demências, frisando que são as iniciativas privadas do terceiro setor, mesmo com falta de apoios, que têm dinamizado a inovação na área. Exemplificou este esforço com o próprio projeto em Castro Marim, que tem sido um desafio verdadeiramente comunitário, com a população local empenhada em todo o processo, participando como ferramentas terapêuticas na abordagem aos doentes e a todo o processo, dando um contributo extraordinário ao sensibilizar os cidadãos para um envelhecimento saudável.

A intervenção seguinte partiu de **Ana Teresa Maia**, responsável pela empresa **expressTEC**, uma spin-off da Universidade do Algarve, cuja criação, segundo a própria, foi incentivada a partir do apoio do CRIA, do GAPI e do vice-reitor João Rodrigues. Referiu que a sua missão é desenvolver tecnologias que ajudem a uma melhor decisão terapêutica em cancro, ou seja, ajudar os médicos a colocar os seus pacientes oncológicos nas terapias mais certas, para cada um deles, o mais rápido possível.

A oradora passou depois a referir-se aos vários constrangimentos que afetam a sua atividade, começando por referir o acesso a investimento, dado que é necessário que alguém acredite na ideia e nas equipas, porque os projetos no setor da saúde percorrem um caminho de longo prazo até chegar ao mercado. No seu caso salientou a dificuldade adicional pelo facto da empresa ter sido fundada e gerida por duas mulheres.

Um segundo constrangimento apontado foi a falta de entrosamento entre cientistas e empreendedorismo, considerando haver muito conhecimento que é gerado “para se guardar nos papers e nas gavetas”, um aspeto que tem marcado o gap existente entre a Europa e os Estados Unidos no que se refere à inovação e às start-ups. Em relação ao Algarve frisou que este problema é intensificado pela fragmentação do ecossistema empreendedor em saúde, muito embora os esforços recentes da Algarve Evolution em

reunir a comunidade empreendedora. A este propósito informou que tem feito contactos para acolher na região uma reunião da P-BIO, uma associação de empresas de biotecnologia.

Em relação aos desafios e oportunidades, Ana Teresa Maia começou por referir que as empresas de deep tech necessitam de peritos superespecializados em certas áreas, pelo que é importante implementar mecanismos de atração e retenção de pessoal altamente qualificado, um pouco na linha dos incentivos para fixação de médicos. Salientou que existem, neste aspeto, limitações nos atuais apoios à inovação, em termos de contratação de recursos humanos, por não cobrirem o nível de salário exigido por peritos de topo, acrescido da carestia do custo de vida no Algarve, e especificamente em Faro, derivado sobretudo do custo da habitação. A este propósito referiu que, nomeadamente na área computacional e no que respeita à contratação de estrangeiros, poder-se-ia considerar não ser obrigatório essas pessoas virem residir na região no âmbito dos incentivos à inovação.

A oradora fez ainda referência à oportunidade de se criar na região uma estrutura computacional partilhada, designadamente de bio bancos de amostras, e, por outro lado, à necessidade de se aproximar o sistema de educação ao sistema de inovação e empreendedorismo em saúde, para que os alunos dos excelentes cursos de biomédicas e medicina da UAlg não queiram, em larga maioria, vir a ser “cientista de bancada”. Por último, referiu a oportunidade de as empresas inovadoras trabalharem mais os seus pilotos de experimentação ou test-beds com as redes de hospitais privados do Algarve, ao invés de geralmente optarem pela parceria do sistema nacional de saúde.

De parte de **Vânia Roberto, CEO do ABC CoLab**, um laboratório colaborativo na área da saúde e do envelhecimento, ou como a oradora prefere designar, da longevidade, pois trata-se de “viver melhor e não somente adicionar mais anos à vida”. Frisou que a missão destas estruturas é ajudar a resolver um dos constrangimentos falados na sessão, que é a transferência de conhecimento entre aquilo que se produz na academia, na ciência, para o mercado ou para a sociedade. Referiu que, no que concerne ao ABC CoLab, é um exemplo de funcionamento em hélice tripla de inovação, pois integram três parceiros académicos, 6 empresas e dois municípios.

Em relação ao seu processo de trabalho, disse que abordava a temática numa visão multidimensional, agindo principalmente em 4 grandes pilares: ao nível da saúde e da biomedicina, desde a biologia do envelhecimento, biologia celular e molecular em diferentes áreas, oncologia, neurociências, metabolismo, etc; na área social e relacional, tendo referido projetos de inovação social, nomeadamente na saúde no ambiente do trabalho e na área da preparação para a reforma, esta última pouco desenvolvido no país; na área tecnológica, aludindo a instrumentos como o big data, dispositivos inteligentes (“wearables”) e sensores para monitorizar dados de saúde; e o turismo de saúde e turismo sénior, em colaboração com associações de turismo e de hotelaria e com particular ênfase na área do bem-estar, embora queiram também trabalhar o tema da saúde na hotelaria.

No que respeita a oportunidades, Vânia Roberto referiu o tema da saúde da mulher, pois, como justificou, a mulher tem sido negligenciada em estudos clínicos, pré-clínicos e biomédicos, o que tem gerado, ao longo dos anos, falta de informação e conhecimento

relativamente aos processos femininos, como por exemplo, falta de biomarcadores validados e de testes de drogas e de medicamentos especificamente orientados para mulheres.

A este propósito, a responsável do laboratório informou que tem a decorrer dois projetos nesta área, numa ótica de prevenção, usando tecnologia de IA para interpretar os dados gerados do estudo em mulheres, com o objetivo de estratificar doenças, como o Alzheimer ou as doenças cardiovasculares, nomeadamente em mulheres a partir dos 40/50 anos, altura da menopausa em que existe propensão de aumentar essas doenças. O outro projeto, disse ainda, aplica a medicina de precisão e foca-se na modelação e otimização do microbioma para melhorar a saúde da mulher.

A diretora do ABC CoLab não quis terminar sem antes referir que os projetos em causa envolvem muito conhecimento e capacidade regional, com a participação de três empresas do Algarve, num deles, e de quatro, noutro, bem como de dois laboratórios colaborativos regionais.

O último participante na mesa-redonda foi **Carlos Martins**, farmacêutico e um dos três sócios da startup **Aurora Med**, que ainda inclui um médico e um programador. Referiu que a criação da empresa, em novembro de 2024, se deveu à necessidade de faturar uma aplicação de IA em soluções de imagem para o ABC-Imaging Lab, pelo que nasceram já com o primeiro contrato assegurado, o que disse ser normalmente uma das maiores dificuldades.

Segundo informou, a empresa dispõe na atualidade de dois produtos no mercado, um deles o Argus, que é um sistema de codificação clínica, ou seja, uma aplicação digital que sistematiza a informação contida na guia de alta, em termos de códigos de doenças, e cujo resultado traduz a produtividade hospitalar, a que é associado o rendimento financeiro. Disse ainda tratar-se de uma solução que, em menos de um segundo, elabora o relatório, que depois terá de ser validado pelo clínico.

No seguimento, Carlos Martins referiu-se ao segundo produto, que nasceu da necessidade de resolver os atrasos no registo nacional oncológico, em termos de codificar os processos dos doentes oncológicos de cada hospital, permitindo determinar a estirpe epidemiológica prevalecente em cada região. Neste âmbito, a empresa produziu, a partir da primeira solução de codificação, uma aplicação só para a parte oncológica, que depois de adotada na ULS Algarve e com o apoio da diretora nacional do registo oncológico, vai ser implementada na maioria das unidades locais de saúde.

Focando depois os constrangimentos encontrados na sua atividade, o empresário começou por assinalar o aspeto regulatório, referindo que a inovação em saúde se depara com uma regulamentação complexa, frisando mesmo que é na parte regulamentar onde investem mais dinheiro, em juristas e em pareceres sobre as soluções que apresentam às entidades.

Outra dificuldade apontada foi no aspeto da adoção de soluções tecnológicas digitais nos hospitais, pois estes geralmente remetem as decisões para a Administração Central do Sistema de Saúde e para os serviços partilhados. O que aconteceu com a aplicação desenvolvida pela Aurora Med foi que, após terem fechado um primeiro contrato com a ULS Algarve, que validou assim o sistema, esse facto abriu as portas para outras

unidades, tendo o orador referido que estão já a fechar o sexto contrato com a mesma solução.

Espaço de Descoberta Empreendedora

Contributos dos participantes com projetos e desafios para ações colaborativas a explorar no âmbito da Plataforma

O primeiro contributo partiu de **Ana Tomé**, da **Universidade do Algarve**, que, tendo em consideração o índice de envelhecimento no Algarve e o facto de 88% das lesões que, em 2023, levaram e motivaram a ida ao hospital relacionarem-se com quedas nos idosos, decidiu desenvolver um jogo analógico para promover um melhor equilíbrio e prevenir o risco de queda, em resultado do seu projeto de doutoramento.

Segundo informou, o jogo consiste num tabuleiro de chão, com 2,5 m por 2,5 m, com uma série de desafios para o treino de equilíbrio e o treino de força e o *training* de dupla tarefa, juntando atividades cognitivas com atividades físicas. A investigadora evocou a sua experiência clínica em hospital para defender que os programas de exercício físico para idosos devem incluir uma parte lúdica, para evitar a monotonia e a desmotivação da sua prática, tendo sido por isso que desenvolveu, em colaboração com especialistas e em oficinas colaborativas com futuros utilizadores, uma solução desta natureza.

Disse, por fim, que iria agora passar à fase da impressão, para dispor de um formato físico do jogo, sendo depois necessário implementar, validar e testar a sua proposta e conseguir parceiros, para que o jogo possa ser oferecido à Comunidade.

Seguiu-se **Dina Simes**, investigadora do **CCMar**, onde coordena um grupo de investigação focado em encontrar biomarcadores e terapêuticas para doenças crónicas inflamatórias, nomeadamente a doença cardiovascular, a osteoartrite e alguns tipos de cancro, aproveitando os recursos do mar.

Neste contexto referiu que, em 2020, iniciou um projeto denominado NutriSafe, cujo objetivo era encontrar uma fonte de novas terapêuticas para a inflamação crónica em algas invasoras, exatamente numa altura em que começou o fenómeno das algas na costa algarvia, sobre o qual se procurou controlar e valorizar a biomassa. Para este efeito, o grupo de Dina Simes, a partir da plataforma “Algas na Praia”, começou a monitorizar, georreferenciar e caracterizar estas algas, enquanto procediam à validação científica da sua valorização como fonte sustentável de vitamina K1 natural e de novos bioativos antioxidantes e anti-inflamatórios.

Tendo em consideração este know-how de laboratório, com a validação da bioatividade e a prova de segurança, a investigadora referiu a necessidade de uma técnica de biorrefinaria para fazer escalar a produção, que já tem um TLR de 5-6, e ainda de financiamento para recursos humanos qualificados.

O próximo orador foi **José Mendes Segundo**, um diretor técnico de farmácia que lançou a empresa e solução **FarmAssist**, que definiu, em termos sintéticos, como um serviço farmacêutico de acompanhamento de doentes crónicos, através da articulação entre todos os profissionais, com o objetivo de melhorar a saúde e a qualidade de vida dos doentes.

Na oferta deste serviço, que o impele a inúmeros contactos com médicos, ULS, instituições do ramo social, câmaras municipais, etc, disse verificar que o sistema se encontra fragmentado, o que provoca, na sua opinião, alguma desconfiança sobre as soluções propostas pelas start-ups inovadoras.

Assim, a partir da presença, que considerou bem-sucedida, na última Web Summit, integrado numa comitiva de start-ups regionais coordenada pela ANJE, apresentou um desafio à CCDR Algarve para ter um papel de catalisador institucional da inovação em saúde, promovendo, por exemplo, apresentações qualificadas entre projetos inovadores e parceiros estratégicos, apoiando pilotos regionais com enquadramento na EREI Algarve, em suma, ajudando a acelerar a implementação e adoção real da inovação no terreno.

Por sua vez, **Maria Palma Mateus**, da **Universidade do Algarve**, lançou a temática da literacia em saúde e as novas tecnologias, tendo em atenção alguma desinformação originada a partir da navegação nas redes sociais e dos algoritmos. Referiu que a UAlg tem vindo a preparar uma candidatura ao programa europeu Future Foods, em conjunto com outros 89 parceiros de diferentes países, que pretende promover o consumo alimentar mais sustentável e uma alimentação mais saudável, transformando os padrões de consumo de sistemas alimentares lineares para sistemas circulares, aproximando o consumidor do produtor.

Neste sentido, disse estar à procura de parceiros na região, para trabalhar a temática através de programas e estratégias de literacia alimentar junto dos agregados familiares, a partir da Academia, promovendo também consumos alimentares mais saudáveis e compras mais sustentáveis. Referiu que, na própria universidade, têm vindo a agregar investigadores e professores de várias áreas, como a saúde, o turismo e bem-estar, a psicologia e a engenharia alimentar, para fazer refletir diferentes fatores no processo.

Para finalizar o seu contributo, a investigadora indicou algumas das entidades com quem gostariam de colaborar, como a CCDR, a AMAL e as autarquias, e instituições de solidariedade social, neste caso pelo apoio que prestam a grupos vulneráveis, nomeadamente no fornecimento de alimentos.

Paulo Nunes de Abreu, co-fundador da plataforma **Digital Health Portugal**, começou por apresentar a Lagos WellTech Summit, uma cimeira internacional a decorrer entre 10 e 12 de março e destinada a encontrar sinergias entre atores e novas oportunidades de negócio na interseção entre o turismo, a saúde, o bem-estar e a longevidade e a inovação digital. De acordo com o orador, este evento nasceu do sucesso obtido pelo primeiro meet-up entre saúde e turismo e bem-estar, realizado em 2025, também em Lagos, que reuniu hoteleiros muito interessados em medicalizar os seus estabelecimentos.

Após este anúncio, Paulo Abreu informou que, previamente ao *summit*, iria ser organizada uma sessão de cocriação, em que os participantes seriam convidados a pensar como é que a cimeira poderia deixar um impacto duradouro na região, elevando a saúde a um domínio estratégico no Algarve, em complemento do turismo.

No fundo, salientou que o objetivo seria começar a implementar a ideia de um “Health Innovation Valley” na região, um conceito que disse ter sido criado por Paulo Gonçalves, presidente da RD-Portugal, uma organização que reúne todas as associações de doenças raras de Portugal, e que é um dos parceiros da cimeira.

O último contributo do espaço de descoberta empreendedora pertenceu a **Teresa Figueiredo**, que veio apresentar a **Care@Home Imaging**, uma solução de telemedicina e teleimagem em cuidados domiciliários, que visa permitir o acesso a serviços de diagnóstico remoto diretamente em lares, residências assistidas e na hospitalização domiciliária, garantindo a conectividade com hospitais públicos e privados para exames especializados na área do diagnóstico.

A oradora referiu tratar-se de uma iniciativa privada, com potencial para parcerias público-privadas, que, a partir dum projeto piloto em Portugal, demonstrando a validação técnica da plataforma, a eficácia clínica e a satisfação de utilizadores, poderia ser escalado até uma dimensão europeia, dado que o problema do envelhecimento é sentido em toda a Europa. Salientou que este projeto de saúde digital, utilizando dispositivos móveis de imagem (ecografia, radiologia convencional e ressonância magnética) e análise por IA no apoio à decisão clínica, poderia ter um impacto significativo na redução nas deslocações desnecessárias dos pacientes e no tempo para diagnóstico, obtendo uma esperada economia de recursos hospitalares.

Teresa Figueiredo frisou ainda a diferenciação competitiva do projeto, por ser baseada em tecnologia de proximidade com foco exclusivo em cuidados de longa duração e domiciliários, que considera ser um nicho não saturado, e na abordagem centrada no utente, com valores como a segurança, acessibilidade e humanização. Terminou o seu contributo referindo-se à questão do investimento, indicando, nomeadamente, o recurso ao Portugal 2030 e a financiamentos privados, mas assegurou a sustentabilidade financeira da iniciativa.

ENCERRAMENTO

Aquiles Marreiros, vogal do **Programa Regional ALGARVE 2030**, começou por referir que parte dos desafios lançados na sessão teriam respaldo nos avisos do programa, quer nos direcionados para as empresas, para os quais existe uma dotação significativa de quase 300 milhões de euros, quer nos focados na investigação, sempre com a necessidade de alinhamento obrigatório com a EREI Algarve.

Nas oportunidades de financiamento para as empresas referiu o sistema clássico da inovação produtiva, no qual os investimentos devem ter o foco na internacionalização, ou seja, o projeto de inovação da empresa deve servir para escalar no mercado internacional. Porém, o responsável logo assinalou que, para investimentos de menor monta, até 300 mil euros, existia um sistema de incentivos simplificado, denominado de base territorial, com reabertura de concurso em abril, para o qual têm tido uma procura muito significativa, tendo já aprovados quase 200 projetos, correspondente a mais de 10 milhões de euros de fundo atribuído. Sublinhou ainda que este sistema tem apoiado sobretudo novos beneficiários e que é tão simples que pode bastar, por exemplo, apenas proceder à aquisição de uma máquina que irá melhorar a produtividade e a competitividade da empresa, apresentar uma fatura e fica fechado o projeto.

Por seu lado, **Maria de Lurdes Carvalho**, diretora da **Unidade de Planeamento e Desenvolvimento Regional da CCDR Algarve**, desafiou os participantes a contactar a unidade e apresentar áreas temáticas que queiram trabalhar em espaços de descoberta empreendedora, garantindo por parte da CCDR uma função de catalisador de ideias.

Isto porque, na sua opinião final, a CCDR pretende contribuir para aumentar o investimento em inovação e os resultados da inovação no Algarve, tal como o presidente da entidade tinha afirmado no seu discurso de abertura.

1.ª Reunião - Plataforma de Inovação e Colaboração SAÚDE, BEM-ESTAR E LONGEVIDADE

CCDR Algarve, I.P. – 28 de janeiro de 2026, 14h30-18h00

PROGRAMA

ABERTURA

14:30 | Oradores

- José Apolinário, Presidente da CCDR Algarve, I.P.
- Tiago Botelho, Presidente do Conselho de Administração da ULS Algarve
- Pedro Castelo Branco, Vice-Reitor da Universidade do Algarve
- Lurdes Serpa Carvalho, Diretora da Unidade de Planeamento e Desenvolvimento Regional da CCDR Algarve, I.P.

PARTE I

15:15 | Comunicação

“ECOSSISTEMA DE INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO EM SAÚDE NO ALGARVE”

Inês Araújo, Diretora da Faculdade de Medicina da Universidade do Algarve

15:30 | Mesa Redonda

NOVOS FÁRMACOS, COSMÉTICOS E DISPOSITIVOS MÉDICOS

Moderação: Joaquim Nascimento (Algarve Evolution)

- Pedro Lima, Sea4Us (novos fármacos na dor crónica)
- Hugo Pereira, GreenCoLab (algas e cosméticos)
- Daniel Cartucho, Algarve Biomedical Center (novos dispositivos médicos)
- Ana Grenha, FCT/CCMAR – UALG (novos fármacos e alimentos funcionais / nutracêuticos)

16:00 | Espaço de Descoberta Empreendedora

Questões e contributos dos participantes com projetos e desafios para ações colaborativas a explorar no âmbito da Plataforma (Intervenções de 5 minutos)

PARTE II

16:30 | Comunicação

“INOVAÇÃO BIOMÉDICA, TECNOLOGIA E MEDICINA DE PRECISÃO: O PAPEL DO ABC NA ESTRATÉGIA REGIONAL PARA UM ENVELHECIMENTO ATIVO E SAUDÁVEL”

Marta Botelho, Investigadora e Gestora de projetos na AD-ABC Algarve Biomedical Center

16:45 | Mesa Redonda

TECNOLOGIAS DE SAÚDE E ENVELHECIMENTO ATIVO E SAUDÁVEL

Moderação: Aquiles Marreiros (Programa Regional ALGARVE 2030)

- Vânia Roberto, ABC CoLAB (Saúde da Mulher e Longevidade)
- Iola Fernandes, Centro de Alzheimer e Demências de Castro Marim (Saúde Mental)
- Carlos Martins, AuroraMed (Soluções Digitais em Saúde)
- Ana Teresa Maia, expresSTEC (I&D em Biotecnologia)

17:15 | Espaço de Descoberta Empreendedora

Questões e contributos dos participantes com projetos e desafios para ações colaborativas a explorar no âmbito da Plataforma (Intervenções de 5 minutos)

ENCERRAMENTO

17:45 | Conclusões e próximos passos

CCDR ALGARVE, I.P.

CONTRIBUTOS DOS PARTICIPANTES

Contributos Parte I - NOVOS FÁRMACOS, COSMÉTICOS E DISPOSITIVOS MÉDICOS		
Carla Viegas	CCMAR/GenoGla Diagnostics	"Plataforma Regional de Validação Clínica de Biomarcadores de Calcificação Vasculard para Estratificação de Risco Cardiovascular". A presente proposta visa a criação de uma plataforma regional de validação clínica e científica de biomarcadores de calcificação vascular, tendo como elemento central a Gla-rich protein (GRP), um biomarcador emergente com evidência robusta associada a processos de calcificação vascular e risco cardiovascular, particularmente em populações envelhecidas e com doença renal crônica. A plataforma será concebida para integrar dados de GRP com marcadores clínicos e laboratoriais já utilizados na prática clínica, bem como com informação clínica relevante dos doentes, permitindo uma abordagem integrada de estratificação de risco.
Nuno Jorge	RiaFaro	O ID2026 – Intelligent Dentistry 2026 é um congresso internacional focado na aplicação prática da inteligência artificial na medicina dentária, com impacto direto no diagnóstico, tratamento, gestão clínica e experiência do paciente, contribuindo para cuidados mais eficientes, seguros e centrados na saúde, bem-estar e longevidade.
Susana Matias	Dreamnest	"Inovar a inovação em Saúde - do discurso à prática" A inovação em saúde como processo relacional: colaboração real que se transforma em pilotos práticos.
Teresa Gomes	ULS Algarve	Apresentação do projeto de Reabilitação Cardíaca da ULS Algarve - unidade Faro, nos seus vários modelos.

Contributos Parte II - TECNOLOGIAS DE SAÚDE E ENVELHECIMENTO ATIVO E SAUDÁVEL		
Ana Maria Conceição Tomé	Universidade do Algarve	Título: BEFALL – Jogo analógico no equilíbrio e risco de queda em idosos na comunidade. O Problema: O envelhecimento populacional no Algarve (índice de 171% em 2021) acresce um aumento do risco de quedas. A Solução Inovadora: A utilização de um jogo sério analógico (desenhado colaborativamente) - ("O Jogo da Árvore" - AGILidades) que combina exercício com estimulação cognitiva (dupla tarefa) e interação social.
Dina Simes	CCMAR/UAlg	Título: Criação de um Living lab regional Vitamina K & Longevidade: Monitorização ambiental, bioativos marinhos e saúde. A presente proposta visa criar um Living lab regional Vitamina K & Longevidade, que representa um desafio transformativo no domínio da Saúde, Bem-estar e Longevidade que integra monitorização ambiental e ciência cidadã através da plataforma Algas na Praia® com a valorização de algas invasoras como fonte sustentável de vitamina K1 natural e novos bioativos antioxidantes e anti-inflamatórios.
José Luís Pacheco Mendes Segundo	FarmAssist Sustainable Healthcare Lda.	Reforço do papel da CCDR Algarve como catalisador institucional da inovação em Saúde, Bem-estar e Longevidade. O desafio consiste em explorar o papel da CCDR Algarve como facilitador institucional, promovendo: Apresentações qualificadas entre projetos inovadores e parceiros estratégicos (ULS, IPSS, autarquias, empresas); Pilotos regionais com enquadramento estratégico (EREI Algarve); Aceleração da implementação e da adoção real no terreno.

Maria Palma Mateus	Universidade do Algarve	Literacia em saúde e as novas tecnologias
Paulo Nunes de Abreu	Digital Health Portugal / Lagos WellTech Summit 2026	Apresentação do Hackathon WellTech Summit 2026
Teresa Figueiredo	Care@Home Imaging	Uma solução de telemedicina e teleimagem em cuidados domiciliários